

No interior de Roraima, professoras gaúchas criaram uma cartilha bilingüe. O objetivo é preservar a identidade cultural dos indígenas



Professoras da UFSM alfabetizam índios na Amazônia

Por CHARLES SOVERAL
Editoria Local/ZH

Duas professoras da Universidade Federal de Santa Maria estão coordenando um projeto de alfabetização e escrita em língua "macuxi" no interior do Território de Roraima, em plena selva amazônica. O projeto, de iniciativa da Secretaria de Educação (SEC) do território, desenvolve uma política de ensino bilingüe com vistas à preservação da identidade cultural das nações indígenas da região, a partir de uma reivindicação das próprias comunidades, temerosas de extinção pela predominância de valores do "homem branco".

Conforme Aldema Trindade, coordenadora do projeto ao lado da pesquisadora Neusa Carson, também professora da UFSM, a idéia de criar uma cartilha de alfabetização partiu dos próprios indígenas, que, no "Dia D" da educação, realizado em todas as escolas públicas do País no ano passado, se organizaram para tornar realidade a proposta de grafia da linguagem. "As cartilhas, os textos e livros produzidos foram organizados e preparados por 22 professores índios, baseados nas idéias e proposições dos tuxuás, que são chefes das comunidades indígenas de Roraima", revela.

O projeto, que se cerca de ele-

mentos culturais da realidade vivida pelas nações indígenas, busca adaptar os conhecimentos transmitidos oralmente de geração a geração para a educação de toda a comunidade, através da palavra escrita. "O escrever é a segunda independência do índio.

A palavra para eles, é incorruptível, não há mentira na sua forma de agir e pensar. Eles sabem que dominar a forma de expressão pode ser o caminho para a sua libertação e manutenção da identidade", explica Aldema.

A professora, que é também pró-reitora substituta de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Santa Maria, conta que a unidade do povo na defesa de seu território é o único ponto que supera o incansável interesse e a vontade com que se dedica ao estudo e ao conhecimento. "Eles fazem tudo de forma coletiva. Sempre pensam no que o gesto ou atitude de um podem influir na vida do outro", assinala.

Duas línguas

Das nações macuxi espalhadas pelo território de Roraima, grande parte preserva na íntegra os costumes do povo, sem muita influência da "cultura branca", outras estão parcialmente aculturadas e um pequeno grupo total-

mente absorvido. Para que o projeto obtenha o sucesso pretendido, as pesquisadoras gaúchas desenvolveram um programa que estabelece os seguintes pontos: nas comunidades em que todos os alunos falam português, a expectativa é de que todos os alunos se alfabetizem em português, entrando o macuxi como segunda língua a partir do terceiro ano. Para as comunidades em que a situação é inversa, o programa defende a utilização da linguagem macuxi, deixando a língua portuguesa para um segundo plano. "Está funcionando bem desde o início do semestre", ressalta Aldema.

A proposta educacional, no entanto, não pára aí. As nações Wapixana, Taurepung e Ingaricó passarão por processos semelhantes até o final do ano que vem. "Neste ponto teremos atingido 90 escolas, localizadas nas malocas, que são as formas de organização social dos índios. Respeitando sempre os critérios e as maneiras de educação que eles desejam", observa a professora.

Aldema Trindade e Neusa Carson trabalham há mais de cinco anos com as culturas indígenas de Roraima e devem apresentar os resultados dos trabalhos lá desenvolvidos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Linguagem dos "Macuxi" já está registrada em livro

"Witin Komanipi Ematauwiri". Essa sequência de palavras quase impronunciáveis é talvez mais brasileira do que o próprio português e significa "Continuando o Caminho", título de um livro criado e redigido por alunos e professores indígenas no interior do Território de Roraima, a mais de 6.376 quilômetros de Porto Alegre.

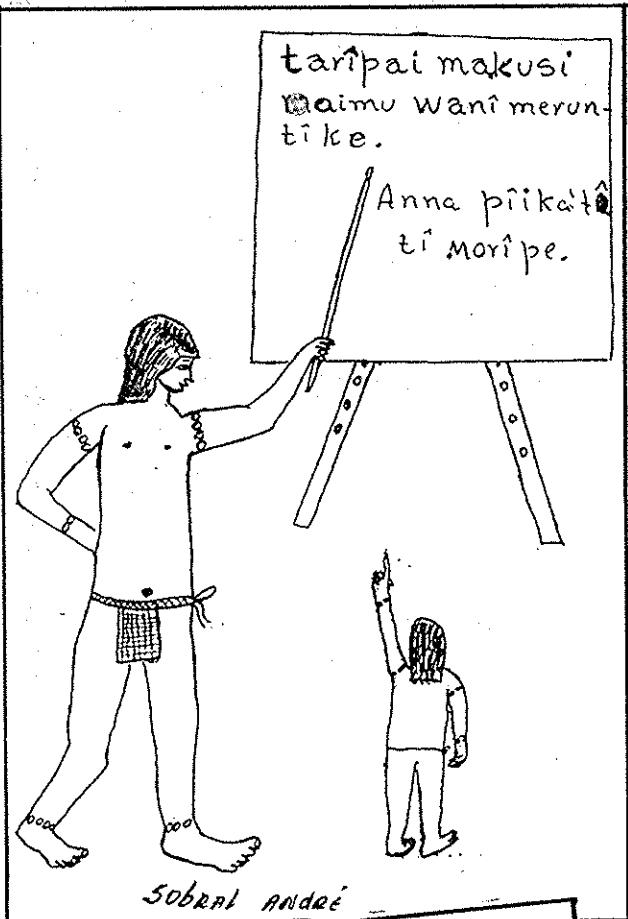
A linguagem "Macuxi" da nação indígena do mesmo nome, começa agora a chegar até os olhos dos demais brasileiros acostumados com a leitura ocidental, calçada no alfabeto romano. "O primeiro contato com a escrita 'Macuxi' faz a gente pensar que estamos diante de um texto oriental ou mesmo um manuscrito de alguma antiga e perdida civilização", avisa Aldema Trindade, coordenadora do Núcleo de Educação Indígena de Roraima.

Na realidade, soa estranhamente engraçado a substituição do tradicional "até mais" em uma carta para a namorada, para os amigos e parentes pela expressão "Miriri Neken". Imaginem um professor de Medicina, em meio a uma aula de anatomia chamando as costelas de "Arata" e a cabeça "Ipu'pai".

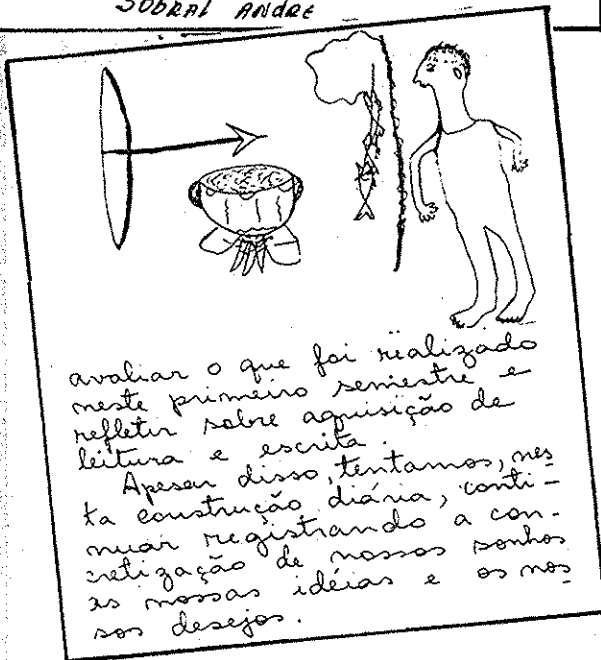
Os textos do livro no entanto trazem, de forma concreta, a estrutura de raciocínio

das crianças "Macuxis", sua visão de mundo e as experiências de cada professor que, na prática e sem muita teoria pedagógica aplica o método Paulo Freire de alfabetização. "No ano passado, meus colegas professores ensinaram a consoante 'T' a partir da palavra 'Telefone'. Sentid que era difícil para as crianças falarem sobre essa palavra, embora a professora explicasse exaustivamente seu significado. Esse ano trabalhei com a consoante 'T' a partir da palavra 'Tatu'. No mesmo instante obtive uma resposta positiva com um entusiasmo crescente", relata Idelvânia de Oliveira, professora da Escola Sizenando Diniz de 1º Grau, da Maloca Malacheta.

O mais importante para a cultura brasileira na opinião de Aldema Trindade "é que pela primeira vez os costumes, a tradição e a história dos índios poderão passar para os registros históricos na visão de seus próprios autores e pela visão da cultura dominante. Sem contar com o fato de que eles terão de forma mais perene a transmissão de seus conhecimentos que até agora foram passados de forma oral, muitas vezes se diluindo com o desaparecimento de seus autores".



Sobral André



avaliar o que foi realizado neste primeiro semestre e refletir sobre aquisição de leitura e escrita.

Apesar disso, tentamos, nesta construção diária, continuar registrando a conexão de nossos sonhos, as nossas idéias e os nossos desejos.

Estas são as primeiras páginas do livro "Continuando o Caminho", redigido por alunos e professores indígenas

Uma versão da criação do mundo

O registro gráfico da cultura dos "Macuxis", antes restrito apenas por aqueles que mantinham contato direto com a tribo indígena, fica agora mais fácil de chegar até o conhecimento dos demais brasileiros como esta carta de um dos autores do livro "Continuando o Caminho", Celino Raposo que dá a sua versão da criação do mundo.

"No princípio Deus criou o mundo perfeito, criou animais e vegetais e tudo o que há, afinal. Deus fez uma grande árvore e que nela pudesse dar todas as espécies de frutas. E assim fez. O Satanás, inimigo das coisas que Deus criava, criou um rato para roer as frutas. Deus viu a destruição, e fez um gato para acabar. E novamente Deus criou bois, carneiros, cavalos. E o Satanás não convencido fez a onça para destruir a criação de Deus. E Deus criou o

homem e a mulher para que dominassem toda a Terra. E Deus foi lá para o céu. Houve um período de seca e fome e todos os animais sofreram. Todas as manhãs eles soltavam os animais para procurar alimentos, mas não conseguiam nada, chegavam de barriga vazia.

Um dia a cutia descobriu a árvore que Deus tinha feito e que nessa árvore havia frutas de todas as espécies. Os donos viram que a cutia chegava toda tarde de barriguinha cheia. Logo pela manhã seguinte acompanharam a cutia até a árvore e encontraram uma árvore que dava todas as frutas. Pegaram dois machados e começaram a cortar. A árvore caiu. No interior da árvore havia um canal no qual brotou água em grande quantidade, levando as frutas por toda parte da Terra".